

Afro-Reggae: uma experiência com jovens

Barbara Szaniecki

Em abril deste ano, fui convidada por Michel Olivier e Patrick Felices para dar um *workshop* de cartazes na Escola Intuit/Lab, em Paris. Devido à antecipação do evento – o *workshop* deveria ser, a princípio, em 2006 –, tomei o avião com apenas uma idéia na cabeça e jornais sobre a terrível chacina na Baixada Fluminense na mão. Cheguei em Paris num domingo ensolarado e, ano do Brasil na França *oblige*, tive vontade de ver o que meus conterrâneos estavam apresentando por lá. Sendo a semana curta e intensa, corri para a Fondation Cartier onde Adriana Varejão expunha um grandioso barroco de carne vermelha sobre telas-azulejos portugueses.

Na manhã seguinte, ainda com as tripas reviradas pela emoção visual e os traços do rosto redesenhados pelo fuso horário, fui ao Instituto do México, belo espaço no centro do Marais, totalmente ocupado pelos trabalhos de cinco *designers* latino-americanos: a equatoriana Maria Mercedes Salgado, os mexicanos Gabriela Rodriguez, Renato Aranda, Alejandro Magallanes e eu... Senti-me lisonjeada em fazer parte do time, pois a qualidade dos trabalhos expostos testemunhava a vitalidade das culturas em jogo. Iniciei o *workshop* apresentando a uma platéia de estudantes e professores o trabalho de uma dezena de *designers* brasileiros contemporâneos. Seguiram-se as falas dos outros convidados, que apresentaram igualmente sua concepção do *design* e de sua pedagogia: chamou-me a atenção a afirmação da necessidade de se ter uma “idéia” antes de realizar um bom trabalho de *design*.

Essa prioridade da idéia sobre a experiência não é de se estranhar, visto como o campo do *design* foi construído historicamente. A própria Bauhaus, ela mesma decididamente experimental, não conseguiu se livrar da separação entre conteúdo e forma. Embora não quisesse contestar meus excelentes colegas, a afirmação dessa primazia sempre me incomodou. Esse “incômodo”, mais intuitivo que refletido, sempre me fez optar por campos do *design* onde o princípio, se não invertido, seria pelo menos questionado: em minha vida profissional, ansiava por cartazes e descartava com frequência logotipos ou “identidades visuais”. Mas permanecia a inquietação de quem procurava juntar o que, desde os tempos de Platão, parecia separado e, cada vez mais, permanecia separado em nosso mundo contemporâneo.

Propus finalmente aos estudantes o tema do *workshop*: cartazes para o Afro-Reggae, ONG que trabalha com os jovens dos morros cariocas promovendo por meio da cultura, uma alternativa ao tráfico e à violência, investindo nas conquistas

sociais e econômicas em vez de instituir uma ideologia ou uma moral. Apresentei a frase veiculada pela agência de propaganda parceira do grupo, “onde os outros só enxergam violência, nós vemos arte”, conversamos muito sobre violência e arte e, finalmente, os orientei para que não organizassem seus cartazes de forma dicotômica pois violência e arte podem se cruzar de múltiplas e imprevisíveis formas. Presenciei meus alunos tirarem seus bloquinhos de papel e lápis do bolso, em busca de “idéias”, olhares e narizes voltados para os céus como se, dali, idéias fossem cair. Ao ver os primeiros esboços de partituras mozartianas, anunciei que não queria nenhuma “idéia” de música, e sim música! E que não queria nenhuma “idéia” de violência mas sim “violência”!... olhares estarecidos...

No dia seguinte, trouxeram música brasileira e material iconográfico, em parte já muito codificado como, por exemplo, fotos jornalísticas com motivo de “criança com roupa de pobre e cara de fome”, crianças não necessariamente brasileiras mas muito genericamente do “terceiro mundo”. Contudo, alguns alunos ousaram trabalhar a partir de materiais “brutos”, de latas e latões até... coração de boi que, segundo o açougueiro do bairro, é incrivelmente parecido com um coração humano! Tanto os cartazes gerados com materiais “virgens” quanto aqueles baseados em “reciclados” obtiveram resultados interessantes: mãos batucam ou machucam, rostos gritam de alegria ou de dor, corações vibram ou agonizam, corpos dançam ou lutam ou... Como na vida, são múltiplas as ambigüidades, as simultaneidades, as contradições das imagens. Outros cartazes expõem o cenário da favela com os grafismos rebeldes das vielas e muros, as engrenagens produtivas das fábricas, ou ainda, os contornos líricos dos sonhos.

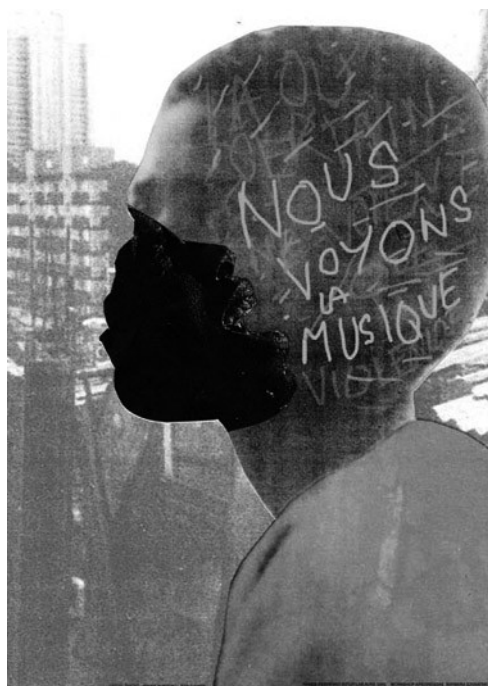
Em suma, apesar da distância real (em quilômetros) e social (estávamos em uma escola de classe média no coração de Paris), me parece que, por meio do contato com os sanguinolentos jornais trazendo os rostos e as vidas dos chacinados da Baixada e do contágio pela música, meus alunos franceses se libertaram de sua metafísica cartesiana e deixaram-se afetar pela experiência, ainda que distante, da vida dos rapazes e moças dos morros cariocas, a quem são dedicados os cartazes. De minha parte, para além da beleza das imagens obtidas, fiquei feliz em perceber que, no campo do *design*, é possível inverter a premissa e encontrar a representação no processo, a idéia na matéria.



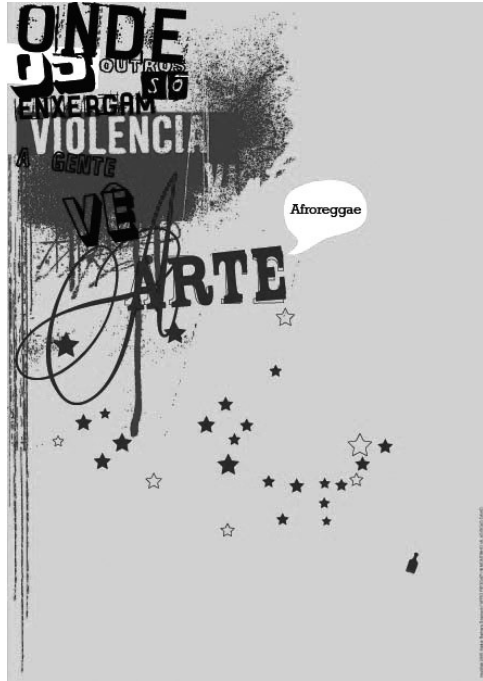
Helene Haberling



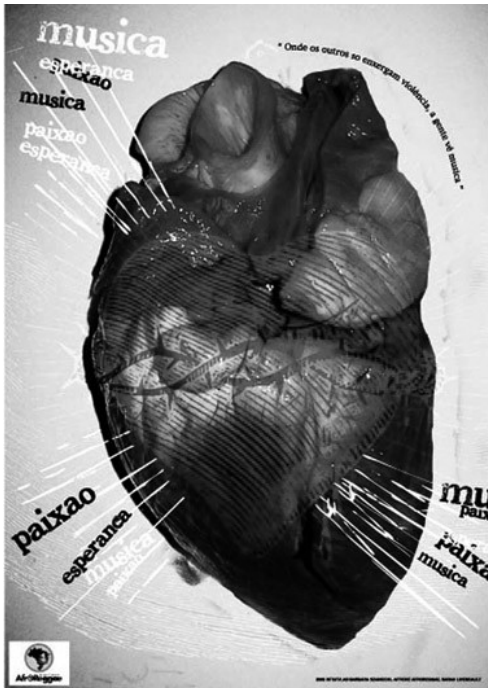
Liza Panteleeva



Fabien Perreard

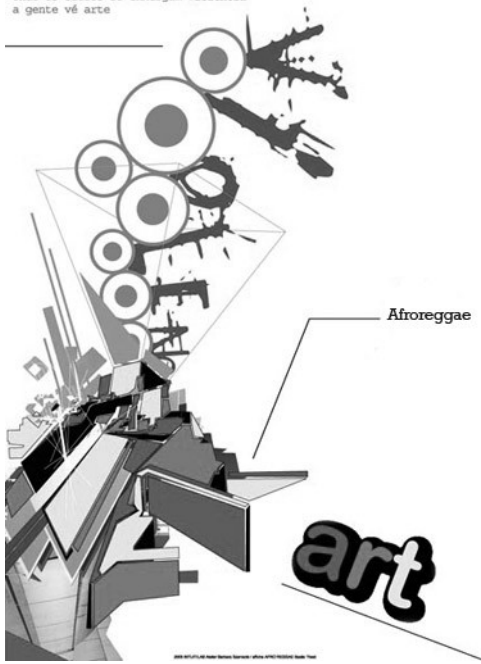


David Montinho Vilas Boas



Sara Livescault

Onde os outros só enxergam violência
a gente vê arte

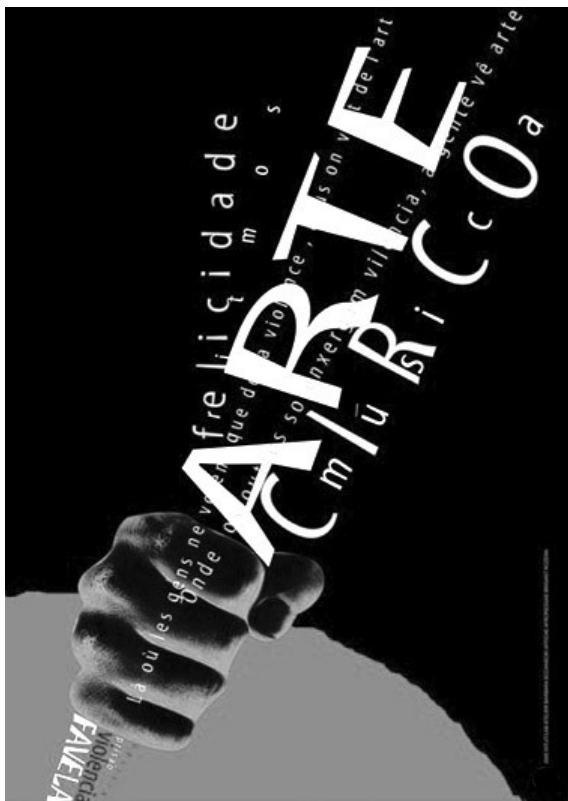


Afroreggae

Basile Theet



Carol Richard



Rozenn Brigant

Barbara Szaniecki é *designer* graduada pela École Nationale Supérieure des Arts Décoratifs de Paris, mestre pelo departamento de Artes e Design da PUC-RJ e editora das Revistas *Lugar Comum* e *Global/Brasil*.